

MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia

ISSN 2318-0811

Volume II, Número 2 (Edição 4) Julho-Dezembro 2014: 699-701



Teoria e História: Uma Interpretação da Evolução Social e Econômica

Ludwig von Mises

Prefácio de Murray Rothbard

Tradução de Rafael de Sales Azevedo

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2014. (274 páginas)

ISBN: 978-85-8119-087-7

Ludwig von Mises (1881-1973) foi um autor extremamente prolífico, mas nem toda a sua obra é conhecida pelo grande público e, infelizmente, também pelos economistas. A rigor, seus trabalhos verdadeiramente acadêmicos mais conhecidos são três: *Theorie des Geldes und der Umlaufsmittel* [A Teoria da Moeda e do Crédito], de 1912, em que integrou de maneira pioneira as teorias da moeda e dos preços relativos; *Die Gemeinwirtschaft: Untersuchungen über den Sozialismus* [Socialismo: Uma Análise Econômica e Sociológica], de 1922, em que apresentou logicamente uma crítica definitiva ao socialismo e demonstrou que esse sistema é incapaz de proceder ao cálculo econômico; e *Human Action: A Treatise on Economics* [Ação Humana: Um Tratado de Economia] de 1949, um magnífico tratado em que montou toda a estrutura da Economia sobre o conceito seminal, ou axioma praxeológico fundamental, de ação humana.

Theory and History: An Interpretation of Social and Economic Evolution [Teoria e História: Uma Interpretação da Evolução Social e Econômica], publicada originalmente em 1957, é a quarta grande obra acadêmica de Mises, mas que, nas palavras de Murray Rothbard (1926-1995), “teve um impacto notavelmente menor, e raramente foi citada, mesmo pelos jovens economistas do recente renascimento austríaco” (p. 11). Infelizmente, esse quase ostracismo permanece até os nossos dias e *Teoria e História* continua, sem dúvida, sendo a obra mais esquecida de Mises, não obstante ser a que apresenta solidamente as bases filosóficas de *Ação Humana*. É, a meu ver, a grande obra metodológica de Mises, em

que o autor deslinda sua visão da economia e desenvolve críticas brilhantes ao *historicismo*, ao *cientificismo* e ao *materialismo dialético* marxista.

Está dividida em uma Introdução e quatro seções, com dezesseis capítulos. Na Introdução, o autor discute o dualismo metodológico, rejeita os princípios metafísicos aplicados à economia, critica a regularidade e a previsibilidade estatística dos fenômenos econômicos, discute as leis da natureza, as limitações por assim dizer, *hayekianas*, ao conhecimento humano, a questão da (ir)regularidade das escolhas e a definição fundamental entre meios e fins.

Na primeira parte, Mises cuida rigorosamente da questão do valor, à luz de seus julgamentos, do conhecimento dos agentes, da busca por valores absolutos e encerra negando contundentemente a concepção de que os julgamentos de valor são fatos incontestáveis.

Na Parte II, Mises destrincha as doutrinas que dão suporte à opinião contrária, ou seja, as doutrinas deterministas, materialistas e o fatalismo da História, cujos alicerces derruba uma a uma, com argumentação lógica impecável.

Na parte seguinte, discute os problemas epistemológicos da História, começando pelo conceito de individualidade histórica e passando pelo historicismo, o desafio do cientificismo, a psicologia e a timologia (ou doutrina dos valores), o verdadeiro significado e utilidade do estudo da História, e termina com uma interessante discussão sobre as verdadeiras características epistemológicas da História.

Por fim, na Parte IV, Mises aborda (no capítulo 15) o que denomina de “curso da História”: suas filosofias e interpretações, o ambientalismo, o igualitarismo, o racismo, o singularismo e a rejeição que o antissecularismo alimenta pelo capitalismo. O derradeiro capítulo, o décimo sexto, apresenta as tendências atuais e o futuro, em que o autor discute a inversão da tendência rumo à liberdade ocorrida a partir do século XIX e, especialmente, no século XX, a ascensão das ideologias igualitárias da renda e da riqueza, a utopia quimérica de um “estado perfeito da humanidade”, a falaciosa crença da tendência contínua ao progresso, a supressão paulatina da liberdade econômica e as incertezas com relação ao futuro.

Teoria e História pode ser considerada um verdadeiro *capo lavoro*, em que, partindo do axioma da ação humana voluntária, pode-se entender como Mises deduziu em *Ação Humana*, com lógica irrepreensível, praticamente toda a teoria econômica, mostrando que a ciência econômica verdadeira nada mais é do que a exploração racional e lógica do fato universal e inescapável da ação. Como toda ação humana é intencional, podemos deduzir com certeza todas as conclusões em cada etapa da cadeia lógica.

E mais: Mises demonstra que não há necessidade de se “testar” uma teoria assim construída!

Rothbard, um dos alunos mais famosos de Mises, no Prefácio à edição de 1985, reproduzida na edição brasileira, argui: “A existência da ação humana propositada é ‘verificável’? Ela é ‘empírica’?” (p. 14). E responde categoricamente: “Sim, porém certamente não da maneira precisa ou quantitativa que os imitadores da física estão acostumados” (p. 14).

Notamos, aí, a característica essencialmente “austriaca” de toda a obra de Mises, a de rejeição ao empiricismo pseudocientífico, uma vez que as experiências empíricas do mundo real são amplas, subjetivas e qualitativas, porque são produzidas pelas experiências da ação humana. O empiricismo correto, portanto, não pode ser relacionado a estatísticas, modelos matemáticos ou eventos históricos. Acrescente-se que, como indivíduos, podemos

– e o fazemos até intuitivamente – utilizar nosso conhecimento para aplicá-lo a outros fenômenos da mesma espécie. O axioma da ação humana intencional não pode ser “falseado”, uma vez que é tão visível, sentido, pesado e repesado, que naturalmente constitui o próprio *core* da nossa experiência como seres humanos no mundo.

Da leitura da obra de Mises – e, especialmente, deste *Teoria e História* – emerge a certeza de que a teoria econômica não precisa ser “testada”, bem como a de que é simplesmente impossível testá-la contrapondo suas proposições a amostras supostamente homogêneas de eventos também presumidamente uniformes. A explicação é simples: esses eventos não existem no mundo real!

A utilização de modelos estatísticos e econométricos e de dados quantitativos mascara este fato e dá uma ideia falsa, a de previsibilidade; porém, essa suposta precisão “científica” tem como sustentação apenas acontecimentos históricos que não podem nunca ser considerados homogêneos, uma vez que todo e qualquer evento histórico é consequência particular, única e complexa de diversos fatores causais.

Por rejeitar a utilização de estatísticas para testar teorias econômicas, Ludwig von Mises foi acusado de ser um economista puramente teórico, sem interesse ou respeito pela História. Mas, em *Teoria e História*, ele mostra, sempre com argumentos sólidos, que são exatamente seus detratores, em especial os *positivistas* e *behavioristas*, que não têm respeito pelos fatos históricos, porque tentam aparafusar, com ares “científicos”, estes eventos históricos complexos aos moldes das ciências naturais.

Em uma ciência da ação humana – esta é outra conclusão que podemos extrair deste livro de Mises – um acontecimento histórico é geralmente um evento complexo, que pode quase sempre ser tentativamente explicado por teorias alternativas, mas jamais pode ser determinado precisamente por qualquer teoria.

Outra lição importante de *Teoria e História* é que as ideias historicistas só fazem sentido quando se leva em conta que os historicistas buscavam única e exclusivamente um fim: o

de negar tudo o que, no decorrer de séculos, a teoria econômica e a filosofia social racionalista haviam estabelecido. Na busca incessante por essa negação, muitos dos historicistas não recuavam nem diante dos maiores absurdos como, por exemplo, a afirmação de que os bens são escassos face às necessidades humanas – a conhecida *lei da escassez*. Diante dessa lei natural irrevogável, simplesmente alegavam que a realidade existente não era a escassez, mas a fartura e a abundância de meios e que as causas da pobreza e da inflação não eram nem a escassez e nem o excesso de dinheiro, mas a incompetência das instituições sociais.

Mises, nesse aspecto, não perdoa o relativismo historicista, ao observar que

não é necessário analisar a opinião de muitos historicistas de que, para o espírito de algumas nações, as práticas capitalistas parecem tão repulsivas que elas jamais as adotarão. Se existem tais povos, eles permanecerão pobres para sempre (p. 161).

E arremata afirmando categoricamente que só existe um caminho para a prosperidade, o da liberdade, lançando aos historicistas o desafio de contestarem, à luz da História, essa verdade.

Infelizmente, o triste desfile repetitivo de uma história desastrosa de erros das previsões dos supostos modelos econométricos, principalmente os que pretendiam ser formulados mais quantitativamente, tem sido encarada pela *mainstream economics*, erroneamente, como sinal de que tais modelos precisariam ser “aperfeiçoados”, para então serem novamente testados.

Mas Ludwig von Mises, melhor do que qualquer outro, reconhece a liberdade indivi-

dual de escolha como axioma irreduzível da ação humana e, ao perceber essa verdade, conclui, portanto, que a busca frenética e supostamente “científica” do determinismo e da previsibilidade em ciências sociais é uma busca por algo que não existe e, logo, que nada tem de científica.

A leitura atenta de *Teoria e História* certamente ajudará os economistas a se convencerem de que a teoria econômica – assim como qualquer teoria social – verdadeira não pode ser dissociada do mundo real, o do *Homo agens*, e que se pode e deve descartar os mitos cientificistas e passar a usar o aparato da teoria dedutiva.

Finalizo esta pequena resenha com as palavras finais de Rothbard, em seu prefácio:

A Economia Austríaca só experimentará um renascimento genuíno quando os economistas lerem e absorverem as lições vitais desta obra, infelizmente tão negligenciada. Sem a praxeologia nenhuma ciência econômica pode ser genuinamente austríaca ou genuinamente sólida (p. 15).

E acrescento: da leitura de *Teoria e História*, emerge uma certeza: a de que uma teoria econômica que não seja praxeológica pode até parecer econômica, elegante ou sofisticada; pode até enganar os menos avisados ou iludir os que só enxergam lógica em equações, mas está *ex-ante* condenada a ser uma teoria econômica desligada dos fenômenos do mundo real. E para que serve uma teoria dissociada do mundo real? *Teoria e História*, sem qualquer sombra de dúvida, é leitura obrigatória para qualquer economista e cientista social que tenha a real e desejável preocupação de compreender o mundo em que vive. ∞

Ubiratan Jorge Iorio

Professor Associado da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Diretor Acadêmico do Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB)

Editor Responsável de *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*.

Presidente Executivo e CEO do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)

Graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Doutor em Economia pela Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação

Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (EPGE/FGV-RJ)

ubiratan@mises.org.br